

A MULHER NO EMPREENDEDORISMO DE IMIGRANTES: UMA CRÍTICA FEMINISTA

Victoria Barboza de Castro Cunha (UFPR)

Natália Rese (UFPR)

Thiago Cavalcante Nascimento (UTFPR)

RESUMO: Este ensaio tem por objetivo discutir o espaço destinado à mulher nos estudos do empreendedorismo imigrante. Para tanto, primeiro se faz uma revisão descritiva da literatura seminal sobre empreendedorismo de imigrantes, enfatizando a evolução de suas bases teórico-conceituais. Em seguida, o artigo dedica-se a uma revisão temática da literatura recente sobre empreendedorismo de imigrantes, pautada em artigos conceituais e de revisão publicados no Brasil e no exterior a partir de 2016. A discussão avança para os tensionamentos ontológico-epistêmicos acerca do espaço histórico-social destinado à mulher imigrante e empreendedora nas sociedades ocidentais e na construção de um saber científico dominante e masculino, apoiando-se sobretudo nos estudos feministas de Silvia Federici e Helena Hirata. O ensaio contribui ao propor uma evolução dos constructos seminais e recentes do empreendedorismo imigrante à luz da perspectiva crítica de gênero.

Palavras-chave: Empreendedorismo Feminino. Mulheres Imigrantes. Imigrantes Empreendedores.

1 INTRODUÇÃO

Estima-se que haja 272 milhões de migrantes internacionais em todo o mundo (International Organization for Migration, 2020). Desse contingente, 130 milhões são mulheres (International Organization for Migration, 2020). Retratadas, em sua maioria, como "acompanhantes" de um processo migratório familiar ou conjugal, elas vêm chamando a atenção de pesquisadores e pesquisadoras de diversas áreas, como Antropologia, Economia, Administração, Psicologia, Sociologia e Políticas Públicas, os quais ambicionam entender os novos contornos e complexidades trazidos pela crescente feminização da migração (Dana, 2007; Benería; Diana Deere; Kabeer, 2012; Elo; Aman; Täube, 2020).

Historicamente, entretanto, o percentual de mulheres em movimentos migratórios internacionais sempre foi quase igual ao dos homens (Delaet, 1999; Donato; Gabaccia, 2015). Elas, inclusive com mais frequência do que eles, criam e administram negócios no novo país de residência, principalmente devido às limitadas opções de entrada no mercado de trabalho formal (Azmat, 2013). Ainda assim, o espaço destinado a elas na literatura sobre empreendedorismo de migrantes tem sido bastante obscurecido desde a sua concepção (Chreim et al., 2018; Dheer, 2018; Ramos-Escobar et al., 2022; Ram; Jones; Villares-Varela, 2017).

Este ensaio oferece duas possíveis razões para esse obscurecimento, a partir dos estudos críticos feministas de Federici (2017, 2019) e Hirata (2007, 2010). Tensiona-se, por um lado, se a mulher permaneceu invisibilizada porque realmente ocupava outros espaços sociais na origem dos estudos do empreendedorismo imigrante. Por outro, questiona-se se a mulher ocupava legitimamente o espaço social de "empreendedora imigrante", porém esse lugar foi invisibilizado na literatura devido à construção histórica de um saber científico produzido sob um paradigma dominante e masculino. Por fim, a discussão ressignifica o espaço que se pode reservar para a mulher imigrante nessa literatura hoje.

2 MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS E TEORIAS CLÁSSICAS DO EMPREENDEDORISMO

O início dos estudos sobre Empreendedorismo Imigrante foi marcado por diferentes ondas migratórias ao longo da história (Haas et al., 2020). Em um relato retrospectivo, Godley (2009) afirma que o interesse pela figura do empreendedor imigrante foi muito influenciado pelo impulso de internacionalização embutido nos processos de exportação e construção de redes comerciais entre diferentes regiões desde o período antigo. Entretanto, com a reconfiguração dos fluxos migratórios a partir da Segunda Guerra Mundial, quando se verificou um aumento expressivo dos negócios de imigrantes, o papel socioeconômico desse grupo, bem como do tipo de atividade empresarial por ele desenvolvida, passou a ganhar características distintivas (Jones; Ram, 2007).

Tais características delineiam-se a partir do impacto da globalização e da "superdiversidade". Este termo foi cunhado por Vertovec (2007) para designar um crescente pluralismo cultural associado às comunicações midiáticas, as quais exacerbaram a intersecção entre culturas híbridas coexistindo em uma escala sem precedentes se comparadas aos movimentos migratórios físicos anteriores. Com efeito, entre o final da Segunda Guerra e os anos 2000, as teorias econômicas de imigração ainda eram capazes de explicar os fenômenos sociais que ora se apresentavam (Godley, 2009).

Enquanto os anos de 1945 a 1973 viram uma migração maciça da força de trabalho oriunda das ex-colônias europeias, impulsionada pelo modelo econômico do industrialismo fordista, os anos de 1974 a 2000 experimentaram a pós-industrialização e o autoemprego de minorias étnicas (Gomes; Le Bourlegat, 2020). Contudo, em meio a essa superdiversidade de fluxos migratórios não mais motivados meramente por fins econômicos, os cientistas sociais necessitaram buscar novas abordagens para compreender a complexa inter-relação de fatores que afetam novos perfis de imigrantes com múltiplas identidades culturais, dispersos geograficamente, conectados transnacionalmente, diferenciados socioeconomicamente e estratificados legalmente (Meer, 2014).

Outrossim, as teorias economicistas clássicas e neoclássicas do empreendedorismo não se provaram capazes de explicar a totalidade da atividade empresarial dos imigrantes,

principalmente porque pouco espaço havia sido atribuído nessa literatura ao potencial do comportamento empreendedor para impulsionar o desenvolvimento econômico (Hébert; Link, 2012). Economistas do século XIX, como Smith, Ricardo, Mill, Marx e Marshall, preferiram concentrar-se nos eventos que motivaram o processo de industrialização de regiões específicas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, e não no papel que os indivíduos tiveram que desempenhar para promover ou suprimir tal processo (Godley, 2009). Mesmo Schumpeter e Knight eram mais propensos a investigar as estruturas corporativas emergentes e as funções empreendedoras dos empreendimentos comerciais do que a evidência de empreendedores se agrupando em áreas de rápida mudança econômica antes da Revolução Industrial (Cassis; Minoglou, 2005).

Nesse sentido, aplicar a ênfase de Knight na incerteza, a preocupação de Kirzner com o estado de alerta empresarial, a caracterização de Casson do empreendedor como um tomador de decisões crítico, ou mesmo o conceito de destruição criativa de Schumpeter, simplesmente se mostraria inútil para fornecer uma compreensão mais profunda da tendência mais ampla de os empreendedores migrarem e dos efeitos desse movimento em variadas esferas da vida pública e privada em um ambiente estrangeiro (Hébert; Link, 2012). Afinal, para muitos economistas, a imigração parecia estar mais relacionada à necessidade de se afastar do país de origem em tempos de instabilidades políticas, econômicas ou de saúde pública, do que à capacidade empreendedora em si (Evans, 1989).

Consequentemente, ao anunciar a moderna teoria do empreendedorismo de imigrantes, tem-se tentado expandir a correlação simplista e estreita entre lucros empresariais, desenvolvimento econômico e movimentos migratórios, resgatando o comportamento empreendedor como um elemento-chave dentro dessa dinâmica (Guzmán, 2022). Contudo, quem seria o empreendedor imigrante? Quais características ele deveria deter para subsidiar os estudos que avançassem nessa relação? Tendo-se elucidado acerca das bases históricas para a consolidação da migração enquanto fenômeno social de interesse para a atividade empreendedora, alguns esclarecimentos se fazem necessários a respeito de quem se fala no empreendedorismo imigrante.

3 O SUJEITO QUE MIGRA: DEFINIÇÕES CONCEITUAIS DO EMPREENDEDOR IMIGRANTE

Haas, Castles e Miller (2020) definem a palavra "migrante" como alguém que passa pelo menos 12 meses em uma nação diferente de sua residência habitual. Esse termo não deve ser confundido com uma pessoa nascida no exterior e que estabelece residência estável no país acima desse período – esta é chamada de "imigrante" –, nem com os filhos de um imigrante, denominados de "imigrantes de segunda geração" (Dabić et. al., 2020). Ainda, crianças nascidas de imigrantes na nação receptora (a segunda geração) não são incluídas neste grupo se forem cidadãos desse país, apenas se mantiverem a cidadania estrangeira de seus pais (Haas et al., 2020).

Isto posto, o Empreendedorismo de Imigrantes pode ser considerado um campo de estudo relativamente novo comparativamente a outros nichos de pesquisa na área, visto que emergiu principalmente na década de 1970 a partir do trabalho pioneiro de Ivan Light e Edna Bonacich (Landström; Lohrke, 2010; Coutinho et al., 2008). Sob uma perspectiva sociológica, esses estudiosos estavam interessados nos problemas sociais – como desemprego, violência e distúrbios raciais – desencadeados pela maior concentração de imigrantes nas grandes cidades dos EUA (Godley, 2009).

Nos primórdios dessa literatura, a classificação dos tipos de empreendedor recaía invariavelmente sobre a natureza de sua atividade empreendedora no contexto estrangeiro. Fairlie e Lofstrom (2015), por exemplo, identificaram o tipo sojourner (do francês, "peregrino", tradução própria), o qual consiste em um migrante que viaja para outro país a fim de acumular riqueza rapidamente sem a intenção de buscar residência permanente. Seu principal objetivo depois de "fazer fortuna" seria retornar à terra natal, o que significa que esse tipo de empreendedor seria motivado por uma oportunidade no mercado internacional e não pela própria necessidade, como é comumente assumido (Fairlie; Lofstrom, 2015).

Outro tipo seria o "empreendedor étnico", que tenderia a iniciar e gerenciar negócios particularmente ligados a uma herança cultural comum, reconhecida inclusive por membros de fora do grupo étnico (Zhou, 2004). Seu principal foco seria atender às demandas, gostos e preferências dos clientes étnicos no país anfitrião (Cruz; Falcão, 2017), portanto, ele costuma desenvolver seus negócios em áreas geográficas densamente povoadas por imigrantes de mesma nacionalidade (Gomes; Le Bourlegat, 2020), beneficiando-se do acesso a funcionários co-étnicos, melhor recepção da comunidade e de um grupo de fornecedores e clientes étnicos (Cruz; Falcão, 2017).

Em suma, esse empreendedor cria empresas que pertencem e são administradas por minorias étnicas, que atendem a uma clientela de minorias étnicas, ou simplesmente refletem a sua própria origem étnica (Jones; Ram 2007). Chaganti e Greene (2002) enfatizam esse último aspecto ao definirem "empreendedor étnico" a partir do seu grau de autoidentificação com um enclave étnico, independente da geração. Apesar da quase ausência de uma definição consensual do que pode ser uma minoria étnica (Changanti; Greene, 2002; Ibrahim; Galt, 2011), pode-se afirmar que as características fundamentais das empresas étnicas incluiriam etnia, identidade étnica e solidariedade étnica (Cruz; Falcão; Mancebo, 2020), o que significa que uma distinção relevante entre empreendedorismo imigrante e étnico estaria nas estruturas de oportunidade: o primeiro sendo impulsionado pela demanda da economia anfitriã, enquanto o segundo pela dos mercados étnicos (Halter, 2007).

Contudo, o empreendedor imigrante, de uma forma geral, detém atributos que vão além do seu posicionamento de mercado. Primeiramente, ele se diferencia dos empreendedores nativos do país anfitrião pela conjugação de diversos tipos de capitais – a saber, capital humano, cultural, econômico e social –, os quais contribuem para uma capacidade diferenciada de reconhecer oportunidades de negócios fora do país de origem

(Sundararajan; Sundararajan, 2015). Em segundo, esse tipo de empreendedor precisa empenhar, desde a fase inicial do seu negócio, variadas estratégias que refletem não apenas sua condição de imigração (Oliveira, 2019; Coutinho, 2008), mas também aspectos mais subjetivos desse conjunto de capitais, como sua autoimagem e paixão empreendedora (Omorede; Axelsson, 2022), a fim de ressignificar seu status de estrangeiro frente aos nativos do país de destino (Gurão; Dana; Light, 2020). Em terceiro, sua atividade empreendedora deve trazer resultados econômicos e/ou não econômicos para o país de destino e para o desenvolvimento das comunidades de expatriados de um modo mais amplo (Chrysostome; Lin, 2010). Em quarto, os empreendedores imigrantes obtêm vantagem competitiva de suas comunidades coétnicas e de múltiplas regiões geográficas, integrando-se ao mercado convencional em seu país anfitrião, mas podendo expandir-se para outros países por meio de negócios internacionais (Malerba; Ferreira, 2021). Nesse último caso, ele se distingue do "empreendedor internacional" ao manter seu principal foco de atuação no país de imigração, nele investindo toda ou a maior parte dos resultados financeiros e não financeiros do seu negócio (Emontspool; Servais, 2017).

Uma quarta categoria se enquadraria no termo "empreendedor minoritário". Ela abrange empreendedores que sofrem variadas formas de discriminação por pertencerem a grupos sociais sub-representados (Dana; Morris, 2011), ainda que adquiram o mesmo status de cidadania de um nativo ou tenham a mesma nacionalidade deste (no caso de imigrantes de segunda geração). Uma vez que a migração desses povos sub-representados é muitas vezes motivada por condições adversas no país de origem, o empreendedor imigrante passa a ser identificado com as minorias étnicas diaspóricas que provavelmente enfrentarão condições socioeconômicas de vulnerabilidade quando da chegada ao país estrangeiro, gerando algum tipo de hostilidade por parte dos cidadãos nativos (Bates; Jackson; Johnson, 2007).

Bonacich (1973) levou isso em consideração quando propôs que apenas os migrantes que buscam superar um certo grau de adversidade por meio de seus esforços empresariais devem ser incluídos em seu "modelo de minorias intermediárias". Entretanto, essa terminologia também foi criticada por sua classificação generalista de "minorias", sugerindo que determinados grupos étnicos são empurrados para o trabalho autônomo devido à mera necessidade (Bates; Bradford; Seamans, 2017). Nesse sentido, críticas a essa concepção tentam neutralizar o paradigma do empreendedorismo como "autoajuda", ou seja, uma rota alternativa para contornar as desvantagens sociais e econômicas da imigração (Bates; Bradford; Seamans, 2017; Sithas; Surangi, 2021). Tais críticas reconhecem o papel que as sociedades receptoras desempenham nas escolhas ocupacionais dos imigrantes, mas também revelam o papel da agência coletiva (Giddens, 1984) desses indivíduos para obter acesso estratégico a diferentes mercados (Sithas; Surangi, 2021).

4 CATEGORIAS EMERGENTES EM EMPREENDEDORISMO DE IMIGRANTES

Tendo-se apresentado as principais conceituações do sujeito que imigra e empreende em solo estrangeiro, essa seção discute como essas categorias seminais evoluíram na produção acadêmica recente. No que tange à figura do sojourner (Fairlie; Lofstrom, 2015), a literatura amadureceu a relação primariamente econômica que posicionava esse empreendedor como um vetor entre a riqueza gerada no novo país residência e de origem. Na verdade, sob a figura do "empreendedor transnacional", constatou-se que essa "riqueza" poderia incluir recursos humanos e imateriais, na medida em que muitas das oportunidades de negócio encontradas e exploradas no exterior advêm das conexões entre conhecimento, cultura, idioma e mercado que um indivíduo estabelece entre um ou mais países (Castro; Alvarez; Zapata, 2019; Duan; Kotey; Sandhu, 2021b; Duan; Kotey; Sandhu, 2020). Igualmente, reconheceu-se que esse migrante não necessariamente teria de regressar à sua pátria natal para contribuir com seu desenvolvimento econômico e social, uma vez que o intercâmbio entre a riqueza relativa é dinâmico no tempo-espço, principalmente com o advento de tipos de mobilidade que independem do espaço geográfico, a exemplo da mobilidade virtual (Selmer et al., 2022).

Assim, enquanto a teoria convencional do empreendedorismo imigrante se concentra nas causas, estratégias e impactos econômicos das atividades empreendedoras na sociedade receptora, Chen e Tan (2009) descrevem o empreendedorismo transnacional como uma forma de desafiar esses estudos etnoeconômicos tradicionais, entendendo o impacto empreendedor das empresas imigrantes também em sua terra natal. O foco aqui recai, portanto, sobre os elementos e canais alternativos que precisam ser acionados entre as nações, a fim de que a atividade empreendedora de fato resulte em vantagem competitiva por meio do aumento de investimentos e da transferência de tecnologia entre economias desenvolvidas e emergentes (Baltar; Icart, 2013).

Já a categoria do "empreendedor étnico" evoluiu para o que se tem delineado como "empreendedor diaspórico" (Elo; Täube; Servais, 2022; Elo; Dana, 2023; Sternberg et al., 2023). Enquanto o primeiro se refere à prática de negócios por indivíduos pertencentes a uma determinada etnia, de modo a atender principalmente uma demanda local vinculada ao mercado da saudade (Cruz; Falcão; Mancebo, 2020; Cruz; Falcão, 2017), o segundo utiliza-se de elementos étnico-identitários para explorar oportunidades de negócios em escala global (Das et al., 2017; Elo et al., 2018, 2020).

Uma das justificativas para o surgimento dessa nova categoria recai sobre o expressivo aumento dos fluxos migratórios, o que inflou o contingente populacional das antigas comunidades étnico-minoritárias – outrora cultural e economicamente insuladas – de maneira tal que passaram a configurar-se como comunidades diaspóricas (Elo; Täube; Servais, 2022). Ou seja, a grande densidade demográfica que as caracteriza impacta negativamente a competitividade entre empreendedores étnicos que, com o consequente aumento da concorrência dentro do nicho étnico, voltam-se para o mercado internacional, porém sem abrir mão dos elementos culturais que originalmente constituíram seus negócios (Elo; Dana, 2023; Sternberg et al., 2023).

Esclarece-se que, conquanto o "empreendedor internacional" também atue nesse nicho mais abrangente (Elo, 2021), ele não se vale de estratégias de marketing tipicamente voltadas para a exportação de sua identidade étnica como um produto ou serviço exclusivo (Das et al., 2017; Elo et al., 2020). Exemplos que ajudam a ilustrar o empreendedorismo diaspórico incluem, portanto, a importação e adaptação de comidas e bebidas brasileiras para o gosto dos nativos estrangeiros (Malheiros; Padilla; Rodriguez, 2010; Coutinho, 2008), ou mesmo o uso da sensualidade atribuída ao corpo da mulher brasileira para oferecer um tipo de depilação "à brasileira" que atraia a curiosidade de clientes locais (França, 2021; Lidola, 2021; Malheiros; Padilla, 2015). Assim, o "empreendedor diaspórico" pode apropriar-se não apenas de traços de sua cultura de origem, mas também de estereótipos internacionalmente atribuídos à sua nacionalidade, a fim de reintroduzi-los no mercado estrangeiro como um diferencial competitivo (Elo; Täube; Servais, 2022; Sternberg et al., 2023; Elo et al., 2018, 2020).

No que concerne ao "empreendedor imigrante", essa nomenclatura permanece como a mais representativa do campo de conhecimento, embora sob novos contornos. Recursos e capitais continuam sendo temas bastante pesquisados à luz de modelos teóricos desenvolvidos no Norte Global para estudo do empreendedorismo de imigrantes vindos do Sul Global. Destaca-se, entre outros, a evolução do modelo interativo de Aldrich e Waldinger (1990) sob a abordagem de inserção mista proposta e revista por Kloosterman et al. (1999), Kloosterman e Rath (2001), Kloosterman (2010), Kloosterman e Rath (2018), Ram, Jones e Villares-Varela (2017) e, especificamente para o empreendedorismo imigrante feminino, Chreim et al. (2018) e Cunha, Nascimento e Falcão (2023).

Mais recentemente, esses modelos têm focado nas ações e recursos dos empreendedores imigrantes em relação a múltiplas estruturas, como redes, ambientes políticos e institucionais, além de estruturas socioeconômicas, com o intuito de integrar os atributos individuais trazidos principalmente da teoria dos capitais de Bourdieu (1986/2018) às condições locais disponíveis às diversas gerações de imigrantes (Al Ariss; Syed, 2010; Cederberg; Villares-Varela, 2019; Tolciu, 2011; Yeröz, 2019).

Assim, nota-se um esforço de avanço nessa literatura, de natureza similar ao que ocorreu aos estudos clássicos do empreendedorismo em meados de 1970 (Vale, 2014): para além do perfil empreendedor imigrante e daquilo que o constitui como ator social de interesse para os pesquisadores do campo, importa sobretudo compreender as inter-relações que ele é capaz de performar através da formação de redes e da interação com espaços socioespaciais cada vez mais dinâmicos e desafiadores (Dabić et al., 2020; Duan; Sandhu, 2022; Ramos-Escobar et al., 2022; Webster; Kontkanen, 2021).

Consequentemente, o "empreendedor imigrante", na atualidade, pode ser entendido como um vetor que, em constante diálogo com ecossistemas políticos e de negócios transfronteiriços (Barnard et al., 2019), desenvolve e retém sua agência (Giddens, 1984) em solo estrangeiro, sendo capaz de promover mudanças sociais, econômicas e espaciais no novo país de residência. Ele se aproxima, pois, da categoria do "empreendedor institucional"

(Jackwerth-Rice; Jens Köhrsen; Mattes, 2023), numa tentativa de "resgatar-se" de um antigo local ontológico de pouca possibilidade de atuação, a despeito de todos os recursos e capitais mobilizados, no qual a atividade empreendedora não necessariamente implicava mudanças na estrutura econômica e social da sociedade receptora (Duan; Kotey; Sandhu, 2021a; Malerba; Ferreira, 2020; Malki; Uman; Pittino, 2020).

Por fim, o "empreendedor de minoria" de Bonacich (1973) ganhou nova vida pelo prisma da interseccionalidade (Carter et al., 2015; Dabić et al., 2020). Segundo essa teoria, os indivíduos associam-se a mais de um grupo social simultaneamente (Crenshaw, 1991), o que produziria uma posição única e distinta de pertencimento social para cada sujeito, fazendo com que experimentasse desvantagens dificilmente explicadas pela mera união de diversas categorias de diferença, como outrora se havia postulado (Shields, 2008). Essa concepção permitiu introduzir o debate de raça e gênero a partir do estudo da construção da identidade empreendedora entre grupos minoritários (Dabić et al., 2020; Essers; Benschop, 2007, 2009; Verduijn; Essers, 2013).

A interseccionalidade oferecia uma ontologia particularmente complexa para revelar as experiências vividas no dia a dia de mulheres pós-coloniais racializadas e etnicizadas, simbólica, psicológica e socialmente posicionadas como o "Outro" em múltiplas estruturas de dominação e poder envolvendo gênero, raça, classe, colonialidade e sexualidade (Mirza, 2013; Parent; Deblaere; Moradi, 2013). Não apenas isso, ela permitiria revelar que, no meio de tantas interseções, "empreendedoras minoritárias" vivenciariam não apenas disparidades, mas também oportunidades, ao encontrar maneiras criativas de desenvolver e manter suas empresas no exterior (Tao; Essers; Pijpers, 2020; Barrett; Vershinina, 2017), ressignificando a desvantagem tripla comumente atribuída às empreendedoras imigrantes (Azmat, 2013).

Mais recentemente, entretanto, o empreendedorismo de minoria pode ceder lugar ao empreendedorismo de superdiversidade. Retomando o conceito de Vertovec (2007), esse "novo" constructo denuncia que pertencer simultaneamente a um determinado grupo racial, étnico e de gênero representaria, antes, uma tensão entre mecanismos mais subjetivos de identificação social envolvendo também as categorias sociais de religião, língua e cultura (Yamamura; Lassalle, 2020).

Além disso, a multidimensionalidade do empreendedorismo minoritário precisaria ser revista por meio de uma análise mais detida a respeito da diversidade assinalada nos diferentes tipos de negócios e nas características da cidade em que o empreendedor minoritário operacionaliza seu negócio (Yamamura; Lassalle, 2020). Sem essas considerações, a despeito dos avanços proporcionados pela teoria da interseccionalidade, a superdiversidade inerente a essa categoria de empreendedor ainda se acharia meramente tangenciada (Yamamura; Lassalle, 2020).

5 UM OLHAR CRÍTICO PARA O ESPAÇO RELEGADO À MULHER NA LITERATURA SOBRE EMPREENDEDORISMO DE IMIGRANTES

Como se pôde verificar, a figura da mulher empreendedora passou a despertar maior interesse nos estudos de imigração dentro da categoria de "empreendedor minoritário". Embora se tenha conquistado esse espaço para elas e outros grupos socialmente sub-representados, enquadrá-las dentro dessa categoria, e não em qualquer outra dentro das muitas existentes na literatura dominante sobre empreendedorismo imigrante, ratifica um certo grau de essencialismo que tanto o empreendedorismo de minoria quanto a teoria da interseccionalidade nasceram para combater.

Ontologicamente, relegar a mulher a esse espaço reforça estereótipos e simplificações coletivas baseadas na aceção de que todas as mulheres imigrantes compartilham uma identidade homogênea marginalizada e estão confinadas a um conjunto específico de experiências minoritárias, de desvantagem e exclusão. Epistemologicamente, isso traz implicações para a forma como os pesquisadores passam a ignorar as diferenças internas e as múltiplas formas de agência (Giddens, 1984) que essas mulheres exercem, subestimando sua diversidade e singularidade como indivíduos e como empreendedoras (Henry et al., 2021).

Assim como a categoria de "empreendedor imigrante" tem tentado avançar em relação à capacidade de agência desses atores sociais (Giddens, 1984), as empreendedoras imigrantes não devem ser vistas apenas como agentes que respondem a desafios derivados de sua posição minoritária, mas antes ser reconhecidas por suas capacidades criativas, inovadoras e estratégicas, indo além da narrativa dicotômica entre "resiliência" e "superação". Ao colocá-las sob a categoria de "empreendedor de minoria", há uma tendência de subordinar suas experiências a um status de marginalidade e subalternidade, em vez de reconhecê-las como agentes ativos e inovadores capazes de contestar dinâmicas de poder desiguais e oferecer contribuições ao campo do empreendedorismo.

Por outro lado, é notório que ainda se insira a mulher nesse espaço de resistência em virtude da luta pelos direitos de grupos politicamente minoritários, drama que persiste nas sociedades modernas (Federici, 2017). Historicamente, a invisibilidade das mulheres migrantes na literatura pode ser entendida como uma extensão da longa subordinação e exploração das mulheres no capitalismo global, ora como "donas de casa" sem possibilidade de acumulação de capital, ora como mão de obra assalariada para os postos de trabalho recusados pela crescente sindicância dos trabalhadores do sexo masculino (Federici, 2019).

Nesse ínterim, ao ocupar, ainda hoje, um papel-chave como rede de apoio na adaptação da família na imigração, a mulher imigrante poderia desempenhar formas não convencionais de atividade empreendedora socialmente produtiva, as quais teriam sido invisibilizadas pela apropriação do trabalho doméstico e saberes femininos, resultando em uma economia em que o trabalho das mulheres é ainda mais desvalorizado. Para Federici (2017, 2019), isso explicaria por que a inclusão das mulheres imigrantes na economia capitalista não necessariamente confere status de emancipação social, na medida em que ela vem associada a atividades de menor prestígio ou informalidade.

Em consonância com tais argumentos, Hirata (2007, 2010) sugere que a mulher pode igualmente ter permanecido invisibilizada no contexto das migrações internacionais porque ocupa outros espaços sociais fora da economia produtiva, gerados historicamente e socialmente pela divisão sexual do trabalho. Esses espaços seriam demarcados pelo trabalho de cuidado, por exemplo, cuidado de crianças, idosos, deficientes físicos e doentes, executado com cada vez mais frequência por mulheres imigrantes nos países do Norte Global em função do declínio populacional e escassez de mão de obra nesses países. Hirata (2010, p. 4) refere-se a esse fenômeno como “internacionalização do trabalho reprodutivo”, citando a terminologia proposta por Carrasco (2001).

A fim de se inserir na economia produtiva e realizar formas de um trabalho dito “profissional”, a mulher nativa de países desenvolvidos precisaria externalizar seu trabalho doméstico e, nesse processo, teria de recorrer à enorme reserva de mulheres em situação precária, de origem majoritariamente imigrante (Hirata, 2007). Essa nova configuração da divisão sexual do trabalho reforçaria o espaço de subalternidade da mulher imigrante, dessa vez não em oposição ao trabalho produtivo masculino, mas à própria hierarquização e desvalorização do trabalho de cuidado pelas próprias mulheres. Em verdade, ao analisar as condições de migração de brasileiras para a Suíça, Huber (1996), Schuler e Dias (2015), e Schuler (2011) retratam exatamente esse cenário de precarização, o qual alcança inclusive o debate acerca do turismo sexual internacional e a migração por casamento nas relações Sul-Norte Global.

Contudo, como nem sempre a imigração internacional é vivenciada por indivíduos em condição de vulnerabilidade econômica em seus países de origem (Hirata, 2010), a divisão sexual do trabalho na modernidade pode gerar tensionamentos identitários e culturais, negando, mais uma vez, que os demais espaços ocupados pelas mulheres podem – e devem – ser igualmente reconhecidos, valorizados, formalizados e regularizados. Uma forma de trazer isso à tona seria incluir, na pesquisa sobre empreendedorismo de mulheres, o trabalho de cuidado das imigrantes como um possível fator para o sucesso empresarial de outras mulheres, imigrantes ou não. Enfocar essas nuances do empreendedorismo feminino em contextos migratórios seria uma das muitas maneiras de resgatar a diversidade contida nas diferenças individuais que compõem o repertório profissional e pessoal de cada mulher empreendedora.

Destarte, uma abordagem epistemológica e ontologicamente mais rica e completa seria reconhecer a pluralidade de identidades e experiências das mulheres imigrantes, considerando-as tanto como empreendedoras tradicionais quanto como indivíduos que navegam através de múltiplas intersecções de poder, contexto e identidade (Jones et al., 2019; Henry et al., 2021). Tal perspectiva de análise promoveria uma compreensão mais inclusiva e holística de suas experiências, sem reduzir, simplificar ou generalizar suas complexidades, resgatando, pois, a proposta seminal da interseccionalidade como uma ferramenta epistemológica capaz de gerar um conhecimento mais abrangente e profundo sobre as múltiplas trajetórias empreendedoras femininas.

REFERÊNCIAS

AL ARISS, Akram; SYED, Jawad. Capital Mobilization of Skilled Migrants: A Relational Perspective. **British Journal of Management**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 286–304, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8551.2010.00734.x> .

ALDRICH, Howard E.; WALDINGER, Roger. Ethnicity and entrepreneurship. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 111–135, 1990. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.so.16.080190.000551> .

AZMAT, Fara. Opportunities or obstacles? Understanding the challenges faced by migrant women entrepreneurs. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 198–215, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/17566261311328855> .

BALTAR, Fabiola; ICART, Ignasi Brunet. Entrepreneurial gain, cultural similarity and transnational entrepreneurship. **Global Networks**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 200–220, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/glob.12020> .

BARNARD, Helena *et al.* Migrants, migration policies, and international business research: Current trends and new directions. **Journal of International Business Policy**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 275–288, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s42214-019-00045-6> .

BARRETT, Rowena; VERSHININA, Natalia. Intersectionality of Ethnic and Entrepreneurial Identities: A Study of Post-War Polish Entrepreneurs in an English City. **Journal of Small Business Management**, [s. l.], v. 55, n. 3, p. 430–443, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jsbm.12246> .

BENERÍA, Lourdes; DEERE, Carmen Diana; KABEER, Naila. Gender and International Migration: Globalization, Development, and Governance. **Feminist Economics**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 1–33, 2012. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13545701.2012.688998> .

BONACICH, Edna. A theory of middleman minorities. **American Sociological Review**, [s. l.], v. 38, n. 5, p. 583, 1973. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2094409?origin=crossref> .

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: GRANOVETTER, Mark; SWEDBERG, Richard (org.). **The Sociology of Economic Life**. New York: Routledge, 1986/2018. p. 78–92. *E-book*. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429494338> .

CARTER, Sara *et al.* Barriers to ethnic minority and women’s enterprise: Existing evidence, policy tensions and unsettled questions. **International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 49–69, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0266242614556823> .

CASSIS, Youssef; MINOGLU, Ioanna Pepelasis. Entrepreneurship in theory and history: state of the art and new perspectives. In: CASSIS, Youssef; MINOGLU, Ioanna Pepelasis (org.). **Entrepreneurship in Theory and History**. London: Palgrave Macmillan UK, 2005. p. 3–21. Disponível em: http://link.springer.com/10.1057/9780230522633_1 .

CASTRO, Diana Carolina Muñoz; ALVAREZ, Sandra Milena Santamaría; ZAPATA, Sara Isabel Marín. Transnational entrepreneurship: a systematic review of the literature. **International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management**, [s. l.], v. 23, n. 6, p. 559, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1504/ijeim.2019.102824> .

CEDERBERG, Maja; VILLARES-VARELA, Maria. Ethnic entrepreneurship and the question of agency: the role of different forms of capital, and the relevance of social class. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, [s. l.], v. 45, n. 1, p. 115–132, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369183X.2018.1459521> .

CHAGANTI, Radba; GREENE, Patricia G. Who Are Ethnic Entrepreneurs? A Study of Entrepreneurs; Ethnic Involvement and Business Characteristics. **Journal of Small Business Management**, [s. l.], v. 40, n. 2, p. 126–143, 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1540-627X.00045> .

CHEN, Wenhong; TAN, Justin. Understanding transnational entrepreneurship through a network lens: theoretical and methodological considerations. **Entrepreneurship Theory and Practice**, [s. l.], v. 33, n. 5, p. 1079–1091, 2009. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.1540-6520.2009.00335.x> .

CHREIM, Samia *et al.* Review of female immigrant entrepreneurship research: Past findings, gaps and ways forward. **European Management Journal**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 210–222, 2018. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0263237318300227> .

CHRYSOSTOME, Elie; LIN, Xiaohua. Immigrant entrepreneurship: Scrutinizing a promising type of business venture. **Thunderbird International Business Review**, [s. l.], v. 52, n. 2, p. 77–82, 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/tie.20315> .

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, [s. l.], v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1229039> .

CRUZ, Eduardo Picanço; FALCÃO, Roberto Pessoa de Queiroz. Revisão bibliométrica no tema Empreendedorismo Imigrante e Étnico. **Internext**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 78, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.18568/1980-4865.11378-94> .

CRUZ, Eduardo Picanço; FALCÃO, Roberto Pessoa de Queiroz; MANCEBO, Rafael Cuba. Market orientation and strategic decisions on immigrant and ethnic small firms. **Journal of International Entrepreneurship**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 227–255, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10843019002632> .

CUNHA, Victoria Barboza de Castro; NASCIMENTO, Thiago Cavalcante; FALCÃO, Roberto Pessoa de Queiroz. In search of an integrative framework for female immigrant entrepreneurship. **RAE - Revista de Administracao de Empresas**, [s. l.], v. 64, n. 1, p. e2022-0469, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/90410> .

DABIĆ, Marina *et al.* Immigrant entrepreneurship: A review and research agenda. **Journal of Business Research**, [s. l.], v. 113, p. 25–38, 2020. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0148296320301776> .

DANA, Léo-Paul; MORRIS, Michael. Ethnic minority entrepreneurship. **World Encyclopedia of Entrepreneurship**, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://www.elgaronline.com/view/edcoll/9781845424794/9781845424794.00022.xml> .

DAS, Diya *et al.* To be or not to be an ethnic firm: an analysis of identity strategies in immigrant-owned organizations. **New England Journal of Entrepreneurship**, [s. l.], v. 20, p. 18–33, 2017.

Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/NEJE-20-01-2017-B002/full/html>.

DHEER, Ratan J. S. Entrepreneurship by immigrants: a review of existing literature and directions for future research. **International Entrepreneurship and Management Journal**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 555–614, 2018. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11365-018-0506-7>.

DUAN, Carson; KOTEY, Bernice; SANDHU, Kamaljeet. A systematic literature review of determinants of immigrant entrepreneurship motivations. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, [s. l.], v. 35, n. 4, p. 1–33, 2021a. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08276331.2021.1997490>.

DUAN, Carson; KOTEY, Bernice; SANDHU, Kamaljeet. Transnational immigrant entrepreneurship: effects of home-country entrepreneurial ecosystem factors. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, [s. l.], v. 27, n. 3, p. 711–729, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJEBr-05-2020-0300>.

DUAN, Carson; SANDHU, Kamaljeet. Immigrant entrepreneurship motivation – scientific production, field development, thematic antecedents, measurement elements and research agenda. **Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, [s. l.], v. 16, n. 5, p. 722–755, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JEC-11-2020-0191>

ELO, Maria *et al.* Diaspora networks in international marketing: how do ethnic products diffuse to foreign markets. **European Journal of International Management**, [s. l.], v. 14, n. 4, p. 693–729, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1504/EJIM.2020.107606>.

ELO, Maria; AMAN, Raushan; TÄUBE, Florian. Female Migrants and Brain Waste – A Conceptual Challenge with Societal Implications. **International Migration**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/imig.12783>.

ELO, Maria; DANA, Léo-Paul. Transnational diaspora entrepreneurship as a sub-field of international entrepreneurship: observations and conceptual remarks. In: STERNBERG, Rolf *et al.* (org.). **Research Handbook on Transnational Diaspora Entrepreneurship**. [S. l.]: Edward Elgar Publishing, 2023. p. 18–36. Disponível em: <https://www.elgaronline.com/view/book/9781788118699/book-part-9781788118699-10.xml>.

ELO, Maria; TÄUBE, Florian A; SERVAIS, Per. Who is doing “transnational diaspora entrepreneurship”? Understanding formal identity and status. **Journal of World Business**, [s. l.], v. 57, n. 1, p. 1–21, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1090951621000523>.

ESSERS, Caroline; BENSCHOP, Yvonne. Muslim businesswomen doing boundary work: The negotiation of Islam, gender and ethnicity within entrepreneurial contexts. **Human Relations**, [s. l.], v. 62, n. 3, p. 403–423, 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0018726708101042>.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Ed. Elefante, 2017. *E-book*. Disponível em: https://coletivoscorax.org/wp-content/uploads/2019/09/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB-1.pdf.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Editora Elefante, 2019. *E-book*. Disponível em: https://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozerodarevolucao_WEB.pdf.

FRANÇA, Thais. Corpo(s) em movimentos: trajetória(s) corpórea(s) de mulheres brasileiras migrantes. **Cadernos Pagu**, [s. l.], v. 63, n. e216300, p. 1–7, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202100630000>.

GIDDENS, Anthony. **The constitution of society: outline of the theory of structuration**. Berkeley: University of California Press, 1984.

GODLEY, Andrew. **Migration of entrepreneurs**. London: Oxford University Press, 2009. Disponível em: <http://oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199546992.001.0001/oxfordhb-9780199546992-e-22>.

GURĂU, Călin; DANA, Leo-Paul; LIGHT, Ivan. Overcoming the Liability of Foreignness: A Typology and Model of Immigrant Entrepreneurs. **European Management Review**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 701–717, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/emre.12392>.

HENRY, Colette *et al.* Richness in diversity: Towards more contemporary research conceptualisations of women's entrepreneurship. **International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship**, [s. l.], v. 39, n. 7, p. 609–618, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/02662426211020608>.

HIRATA, Helena Sumiko. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Revista Tecnologia e Sociedade**, [s. l.], v. 6, n. 11, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.3895/rts.v6n11.2557>.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, [s. l.], v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>.

IBRAHIM, Gamal; GALT, Vaughan. Explaining ethnic entrepreneurship: An evolutionary economics approach. **International Business Review**, [s. l.], v. 20, n. 6, p. 607–613, 2011. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0969593111000345>.

International Organization for Migration. World Migration Report 2020. Genebra: **IOM**, 2020. Disponível em: <https://worldmigrationreport.iom.int/wmr-2020-interactive/>.

JONES, Paul *et al.* Entrepreneurial identity and context: Current trends and an agenda for future research. **The International Journal of Entrepreneurship and Innovation**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 3–7, 2019.

KLOOSTERMAN, Robert C. Matching opportunities with resources: A framework for analysing (Migrant) entrepreneurship from a mixed embeddedness perspective. **Entrepreneurship & Regional Development**, [s. l.], v. 22, p. 25–45, 2010. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08985620903220488>.

KLOOSTERMAN, Robert C; RATH, Jan. Mixed embeddedness revisited: a conclusion to the symposium. **Sociologica**, [s. l.], v. Vol 12, p. 103–114 Pages, 2018. Disponível em: <https://sociologica.unibo.it/article/view/8625>.

KLOOSTERMAN, Robert; RATH, Jan. Immigrant entrepreneurs in advanced economies: Mixed embeddedness further explored. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 189–201, 2001. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13691830020041561>.

KLOOSTERMAN, Robert; VAN DER LEUN, Joanne; RATH, Jan. Mixed embeddedness: (In)formal economic activities and immigrant businesses in the Netherlands. **International Journal of Urban and Regional Research**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 252–266, 1999. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-2427.00194>.

LIDOLA, Maria. Civilizing the Other: Beauty, Intimate Labor, and Affective Encounters in Berlin’s Brazilian Waxing Studios. **Cadernos Pagu**, [s. l.], v. 63, n. 63, p. 1–18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202100630002>.

MALERBA, Rafaela Camara; FERREIRA, João J. Immigrant entrepreneurship and strategy: a systematic literature review. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, [s. l.], v. 33, n. 2, p. 1–35, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08276331.2020.1804714>.

MALHEIROS, Jorge; PADILLA, Beatriz. Can stigma become a resource? The mobilisation of aesthetic–corporate capital by female immigrant entrepreneurs from Brazil. **Identities**, [s. l.], v. 22, p. 687–705, 2015. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1070289X.2014.950970>.

MIRZA, Heidi Safia. “A second skin”: Embodied intersectionality, transnationalism and narratives of identity and belonging among Muslim women in Britain. **Women’s Studies International Forum**, [s. l.], v. 36, p. 5–15, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2012.10.012>.

OMOREDE, Adesuwa; AXELSSON, Karin. Exploring the Immigrant Entrepreneurs and Their Entrepreneurial Engagement. **The Journal of Entrepreneurship**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 330–363, 2022. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/09713557221096879>.

RAM, Monder; JONES, Trevor; VILLARES-VARELA, María. Migrant entrepreneurship: Reflections on research and practice. **International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 3–18, 2017. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0266242616678051>.

RAMOS-ESCOBAR, Elva Alicia *et al.* Immigrant entrepreneurs: A review of the literature and an agenda for future investigations. **International Journal of Intercultural Relations**, [s. l.], v. 91, p. 170–190, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2022.09.009>.

SCHULER, Flávia De Maria Gomes; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. A Outra Face da Migração Feminina: os filhos que ficam. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 15–30, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2015v4i2.p15-30>.

SELMER, Jan *et al.* The potential of virtual global mobility: implications for practice and future research. **Journal of Global Mobility: The Home of Expatriate Management Research**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 1–13, 2022. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JGM-07-2021-0074/full/html>.

SHIELDS, Stephanie A. Gender: An Intersectionality Perspective. **Sex Roles**, [s. l.], v. 59, n. 5-6, p. 301–311, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11199-008-9501-8>.

SUNDARARAJAN, Malavika; SUNDARARAJAN, Binod. Immigrant capital and entrepreneurial opportunities. **Entrepreneurial Business and Economics Review**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 29–50, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15678/EBER.2015.030303>.

TAO, Yidong; ESSERS, Caroline; PIJPERS, Roos. Family and identity: Intersectionality in the lived experiences of second-generation entrepreneurs of Chinese origin in the Netherlands. **Journal of Small Business Management**, [s. l.], v. 59, n. 6, p. 1–28, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00472778.2019.1710014>.

TOLCIU, Andreia. Migrant entrepreneurs and social capital: a revised perspective. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, [s. l.], v. 17, n. 4, p. 409–427, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/13552551111139647>.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos. Empreendedor: Origens, Concepções Teóricas, Dispersão e Integração. **Revista de Administração Contemporânea**, [s. l.], v. 18, n. 6, p. 874–891, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v18n6/1982-7849-rac-18-6-0874.pdf>.

VERDUIJN, Karen; ESSERS, Caroline. Questioning dominant entrepreneurship assumptions: the case of female ethnic minority entrepreneurs. **Entrepreneurship & Regional Development**, [s. l.], v. 25, n. 7-8, p. 612–630, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08985626.2013.814718>. Acesso em: 23 fev. 2024.

YAMAMURA, Sakura; LASSALLE, Paul. Approximating entrepreneurial superdiversity: reconceptualizing the superdiversity debate in ethnic minority entrepreneurship. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, [s. l.], v. 46, n. 11, p. 1–22, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369183X.2019.1656058>. Acesso em: 23 fev. 2024.

YERÖZ, Huriye. Manifestations of social class and agency in cultural capital development processes: An empirical study of Turkish migrant women entrepreneurs in Sweden. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, [s. l.], v. 25, n. 5, p. 900–918, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJEBr0320180146>.

ZHOU, Min. Revisiting Ethnic Entrepreneurship: Convergencies, Controversies, and Conceptual Advancements¹. **International Migration Review**, [s. l.], v. 38, n. 3, p. 1040–1074, 2004. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1747-7379.2004.tb00228.x>.